

A AUTODELIMITAÇÃO DA MEDICINA HIPOCRÁTICA NO PLANO INAUGURAL DAS CIÊNCIAS HUMANAS.

Maria José Vaz Pinto

O que me interessou, antes de mais, foi o desafio de enquadrar no âmbito da temática proposta para estes **Terceiros Encontros Interdisciplinares** algo que tivesse a ver com as questões de que me ocupo: a autodeterminação do saber médico como *technê*, no âmbito dos estudos hipocráticos, foi uma primeira escolha que me ocorreu e pela qual optei em definitivo. Passo a justificar essa opção e, de seguida, a indicar os pontos em torno dos quais articulei a minha breve exposição.

A autodelimitação do saber hipocrático é levada a cabo mediante a demarcação de **fronteiras** que o distinguem dos saberes afins, nomeadamente da tradição mágico-religiosa, por um lado, e da filosofia da *physis*, por outro. O que implica circunscrever um **espaço** hermenêutico que envolve questões de lugar e de tempo, em si mesmas problemáticas, dadas as muitas discussões que levantam a autoria e a datação dos textos fundamentais”¹. A medicina hipocrática nasce e cresce na segunda metade do séc. V a.C., numa época de criatividade e de crise, de **transições** múltiplas, em que, na confluência de esforços

¹ A “questão hipocrática” envolve a discussão da autoria e datação dos numerosos escritos que chegaram até nós (cerca de sessenta), associados à figura de Hipócrates. Este terá nascido por volta de 460 a.C. em Cos. Os estudos de medicina desenvolveram-se, com grande pujança, a partir do séc.V a.C.. Galeno (séc.II d.C), além de médico famoso, constitui uma fonte preciosa para a reconstituição das opiniões dos seus antecessores.

diversificados e através dos confrontos de ideias e de experiências, se vai configurando a reflexão sobre o que diz respeito ao mundo humano².

Os tópicos que me proponho abordar são os seguintes:

– O saber médico desenvolve-se através da ruptura com a superstição e com a magia, em consonância com a filosofia no intento de “dar razão” (*logon didonai*) da experiência³.

– O saber médico adquire consciência da sua índole própria como profissão e como *technê*: na matizada e polivalente relação entre “Pré-socráticos” e “Hipocráticos”⁴, entre filósofos e médicos, a sua especificação conquista-se *com* a filosofia, *contra* a filosofia e *para lá* da filosofia.

– Se a saúde se joga na agonística dos elementos, constituintes do corpo, o saber que lhe diz respeito também exige um **espaço** compatível com os conflitos de pontos de vista⁵. Na controvérsia sobre a saúde e a doença ressaltam oposições múltiplas que definem outras tantas **fronteiras**, difíceis de precisar: natureza do todo e natureza do

² Ver J. Jouanna, “*La naissance de la science de l’homme chez les médecins et les savants à l’époque d’Hippocrate: problèmes de méthode*”, in J.A. López Férez ed., *Tratados Hipocráticos (Estudios acerca de su contenido, forma y influencia)*, Madrid, Univ. Nacional de Educación a Distancia, 1992, pp. 91-111: “O séc.V a.C. podê-se definir pelo nascimento não só do racionalismo, como também do humanismo, com a condição de dar a este termo o seu sentido lato de reflexão do homem sobre si mesmo. (...) É o período decisivo em que o homem assume a consciência do seu lugar no universo, do seu poder inventivo que lhe permitiu passar da *natureza* à *cultura*. Mas é também o período em que o homem descobre que ele próprio é também objecto de ciência” (ibid. p. 91).

³ A filosofia facultou aos estudos médicos um enquadramento teórico: “Em todas épocas houve médicos, mas a medicina grega só se tornou uma arte consciente e metódica sob a acção da filosofia jónica da natureza”. Cf. W. Jaeger, *Paideia, A formação do homem grego*, Lisboa, Aster, s. d., p. 941.

⁴ J. Jouanna, no artigo antes citado, sublinha o carácter convencional destas denominações e a imprecisão semântica dos termos usados, com as concomitantes dificuldades de tradução. Médicos e filósofos eram, antes de tudo, *sophistai*: cf. ibid., nota 1.

⁵ Na presente abordagem da autodelimitação da *technê* médica no que respeita a outros saberes afins, omite-se um capítulo particularmente interessante que é o da relação entre médicos e sofistas. Como é sabido, a arte de bem falar e a arte de argumentar faziam parte da educação dos cidadãos gregos em geral, e o domínio do discurso desempenhou um papel decisivo na intervenção eficaz dos sábios hipocráticos. Veja-se, por exemplo, Louis Bourgey, *Observation et Expérience chez les médecins de la Collection Hippocratique*, Paris, Vrin, 1953, pp. 109-144.

homem⁶, *physis* e *physeis*, medida e medidas. O núcleo “duro” dos debates incide numa questão de fundo: esclarecer *o que é* o homem, estudar *como é* o homem, para aplicar o saber sobre o homem no que possa servir⁷ o homem. A investigação própria dos médicos gregos torna patente/ inventa, põe a descoberto/ constrói um modelo de saúde e de doença que se aplica directamente ao corpo, mas irá ser extrapolado para a *aretê* da alma.

1. A emancipação do pensamento racional em relação à superstição e às diferentes modalidades de crenças comuns é habitualmente conotada com o começo da filosofia que, segundo a tradição aristotélica-teofrástica-hegeliana, coincidiu com a reflexão dos pensadores de Mileto sobre as origens e o funcionamento do cosmo⁸: “as tentativas dos filósofos da natureza no sentido de explicar o mundo sem recurso à intervenção sobrenatural tornaram manifesto uma *transição* da “conjectura” mítica para a “explicação” racional”⁹. Na mesma linha de ruptura com o obscurantismo das opiniões correntes, no tratado hipo-

⁶ O conceito médico de *physis tou anthôpou* distingue-se do conceito físico de *physis tou pantos*. Cf. Platão, *Fédon* 96 a-c: a natureza do homem começa por ser estudada no plano amplo da *historiê peri physeôs*. Veja-se em Platão, *Fedro* 270 c-d, a discussão da comparação entre filosofia e medicina: “Quando se diz que, segundo Hipócrates, não se pode conhecer a natureza do corpo sem conhecer o todo, o que significa o “todo”? Trata-se do “todo do universo”, *physis* em sentido cósmico, tratada pelos filósofos pré-socráticos, ou trata-se do “todo” do objecto considerado? Na 1ª acepção existe incompatibilidade entre essa posição e o que defende o autor de *A antiga medicina*, cap.20. Entre as oposições mais significativas, no contexto da actividade dos médicos, contam-se as que diferenciam o leigo do profissional, assim como o *idiotês* (confinado no particular) do *dêmiourgos* (que trabalha para o povo, realizando uma tarefa simultaneamente técnica e social). Ver Jaeger, op. cit., p. 956.

⁷ O termo *therapeutêr* tem a acepção primeira de “servidor”/ o que cuida de algo; passa a significar “o que cuida da saúde”. Daí, o advérbio *therapeutikôs* reportar-se ao modo de cuidar “com solicitude”.

⁸ Segundo a referida tradição, a filosofia tem uma “acta de nascimento” em ordem: nasceu na Jónia, no séc.VI a.C., com Tales de Mileto.

⁹ Cf. James Longrigg, *Greek Rational Medicine, Philosophy and Medicine from Alcmaeon to the Alexandrians*, London/ N. York, Routledge, 1993, p. 1. O autor enfatiza a índole racional da medicina grega: “Um dos contributos mais marcantes dos Gregos antigos para a cultura ocidental foi a sua *invenção* da medicina racional. (...) A emancipação da medicina em relação à superstição foi o resultado precisamente da mesma atitude de espírito que os filósofos milésios da natureza foram os primeiros a aplicar ao seu mundo circundante” (ibid.).

crático *Sobre a doença sagrada* defende-se a inovadora tese de que todas as doenças são “naturais” e têm “causas” que urge pesquisar: “Acerca da doença que chamam “sagrada” (referiam-se à epilepsia), sucede o seguinte. Em nada me parece que seja (...) mais divina ou mais sagrada do que as outras, mas sim que tem a sua natureza própria, como as restantes doenças, e que se origina a partir daí”¹⁰. Na verdade, os homens consideram-na “divina” por se mostrar aparatosa e atemorizadora nos seus efeitos e serem ignorantes a respeito da sua “causa natural”¹¹. Na radical mudança de atitude que uma tal postura manifesta, detectam-se as duas componentes, por excelência, da emergência da racionalidade, em sentido estrito: “naturalismo” e “racionalismo” conjugam-se com vista a uma reflexão metódica sobre o que são as coisas¹². Os vários procedimentos no modo de enfrentar os problemas podem divergir muitíssimo; apresentam, no entanto, um traço decisivo que os aproxima entre si: “cada um, à sua maneira, constitui uma aventura da razão”¹³. Releva-se, por conseguinte, a afinidade entre a reflexão sobre a *physis* – as cosmologias dos chamados pré-socráticos-, e a medicina dita racional: representam ambas um esforço pioneiro, no sentido de fazer um uso esclarecido do *logos*¹⁴. É contudo de salientar que a autonomização da medicina hipocrática em relação a uma certa tradição obscurantista (representada sobretudo pelo dogmatismo e por credices) não significou a rejeição, em absoluto, da medicina religiosa, associada aos templos e às diversas formas de culto: elas coexistiram, com relativa independência¹⁵.

¹⁰ *Sobre a doença sagrada & I*, in *Tratados Hipocráticos I*, Madrid, Editorial Gredos, 1983, p. 399, (trad. de M^a D. Lara Nava).

¹¹ Ibid.

¹² Veja-se, entre as muitas leituras possíveis, duas obras particularmente sugestivas: Jean-François Mattéi ed., *La naissance de la raison en Grèce*, Paris, PUF, 1990; Friedrich Solmsen, *Intellectual Experiments of the Greek Enlightenment*, New Jersey, Princeton Univ. Press, 1975. “Naturalismo”, no presente contexto, é a busca de explicações a partir da própria natureza, com a exclusão de princípios obscuros e de agentes sobrenaturais. “Racionalismo” corresponde à confiança na capacidade de a razão explicar as coisas, bem como à crença de que a realidade é, em si mesma, susceptível de ser compreendida e objecto de um discurso com sentido.

¹³ F. Solmsen, op. cit., p. 6.

¹⁴ Encarando o termo grego *logos* na sua polissemia, em três vertentes fundamentais, tais como discurso, razão discursiva e ordem real.

¹⁵ O que se explica, em parte, pela índole peculiar da religião grega, e pela abertura

2. Se o saber médico progride partilhando com a filosofia um património comum de atitudes, de procedimentos e de conceitos, a complexa teia do seu relacionamento não é objecto de consenso. Encontramos nos escritos hipocráticos ecos que falam por si, e em termos eloquentes, quanto ao contencioso que terá eclodido, mesmo entre os Antigos, quanto aos seus débitos e créditos recíprocos. A controvérsia é por demais conhecida, mas permitir-me ia fazer um levantamento sumário do problema, porque ele introduz a temática que se pretende focar. Em *A medicina antiga*, os defensores da ciência hipocrática assumem uma estratégia ofensiva, denunciando nas suas críticas dois grupos de “inimigos”: num primeiro momento, atacam os “inovadores” que pretendem explicar a etiologia das doenças partindo do postulado que as causas das mesmas se reconduzem ao quente, ao frio, ao seco e ao húmido e baseiam nesses princípios a respectiva terapêutica (§§ 13 a 19)¹⁶; e, num segundo momento, defrontam-se com todos aqueles que entenderam que a medicina pressupõe o conhecimento prévio da constituição do homem, caracterizada nos moldes da filosofia da natureza (§20). O que se preconiza, em termos alternativos, é a continuidade com os procedimentos que conduziram aos avanços da dita medicina, ao longo da sua história. Ela cobra sentido, tendo em linha de conta a sua origem: esta está intimamente associada à descoberta das dietas apropriados aos doentes, tendo sido antecedida pela descoberta das dietas apropriadas aos homens sãos (§3)¹⁷. Com efeito, a antiga medicina afirmou-se como tal através do uso conjugado e complementar da experiência sensível (*aisthêsis*) e do

dos Gregos ao pluralismo das doutrinas que buscavam dar respostas racionais para as questões. Veja-se, neste sentido, L. Edelstein, “*The distinctive Hellenism of Greek Medicine*”, in O. Temkin & C. Lilian Temkin eds., *Ludwig Edelstein-Ancient Medicine*, Baltimore and London, The John Hopkins Univ. Press, 1987, pp. 367-397.

¹⁶ *Hypotheseis versus archai*.

¹⁷ A dieta tem de ser adequada à *diathesis* do doente. Veja-se a famosa definição de saúde, dada por Alcmeon de Crotona (séc. VI a.C., fr.4): o que mantém a saúde é a *isonomia* (quer dizer a igualdade) das propriedades – sem dúvida, húmido, seco, frio, quente, amargo, doce, etc. –, enquanto que a *monarquia* (quer dizer, o domínio de um só) provoca a doença. A saúde é definida, negativamente, pela ausência de sofrimento, e, positivamente, pela mistura proporcionada de elementos constitutivos do homem. Cf. *Da natureza do homem*, 4: a saúde é uma mistura de humores, não dependendo de um princípio único.

raciocínio (*logismos*), sendo de destacar as exigências distintas que diferenciam as doenças “visíveis” das “invisíveis”¹⁸.

Ou seja, na hora de discutir quem deve a quem e o quê, o autor desse tratado (*A antiga medicina*) sustenta, de forma drástica, uma posição provocatória: enquanto “alguns médicos e sábios dizem que não seria possível saber medicina sem saber o que é o homem” (&20), considera que os que avançam com tais opiniões se limitam a filosofar e se comportam como os que se dedicam à pintura¹⁹ (ou à literatura); em contrapartida, afirma que “só a partir da medicina se pode ter um conhecimento preciso sobre a natureza” (*ibid.*)! Um tal conhecimento será alcançável quando se vier a abarcar, correctamente, a medicina na sua totalidade²⁰. Importa, para já, que o médico conheça “o que é o homem, na sua relação com o que come e bebe”, o que é em relação com os seus outros hábitos (quanto ao seu tipo de vida) e “o que pode suceder a cada indivíduo a partir de cada coisa concreta” (*ibid.*). O que se busca, contudo, não é um saber desligado da prática, mas sim o suporte para um exercício adequado da arte de preservar a saúde e de curar a doença. O que está em questão, para lá do estatuto da medicina e da investigação da sua arqueologia, é a atenção às peculiaridades dos indivíduos concretos, nas relações que mantêm com o meio exterior, com os condicionalismos inerentes à sua história, à constituição do seu corpo, às vicissitudes daquilo que neles é inato ou adquirido. Releva-se a contingência própria do humano e, sem abdicar da grandeza da medicina, reivindica-se para ela um **espaço** específico que a

¹⁸ Cf. *Peri technês*, &9-12. Nas doenças “visíveis”, o diagnóstico baseia-se primordialmente no uso do tacto e da visão; no caso das “invisíveis”, no recurso à inteligência.

¹⁹ Assim como a pintura recria o homem a partir de um número finito de cores (veja-se, na mesma linha, o fr. B 23 de Empédocles), também os sábios e os médicos querem reconstituir a natureza do homem a partir de um número finito de elementos. Desta maneira, tal como sucede com os pintores, chegam a uma imagem da realidade e não ao que é o homem na sua realidade. Será apenas o exercício bem compreendido da medicina que permitirá alcançar um conhecimento do homem, mediante o estudo das relações causais entre o regime e os seus efeitos sobre as diferentes categorias de homens. Veja-se a introdução de J. Jouanna em Hippocrate, *L'Ancienne Médecine*, Paris, Les Belles Lettres, 1990. Do mesmo autor, leia-se a excelente obra de introdução aos estudos hipocráticos, intitulada *Hippocrate* (Paris, Fayard, 1992).

²⁰ Refere-se “a essa investigação que consiste em saber, com exactidão, o que é o homem, as causas da sua formação, e tudo o mais” (&20).

separa da cosmologia, bem como a coerência na prossecução no caminho que é o seu.

Do que foi dito, ressalta a tomada de consciência dos médicos em relação ao conhecimento que dominam e à índole da disciplina a que se dedicam. Mas nunca será suficientemente sublinhado o cariz “profissional” destes sábios²¹. No famoso tratado *Sobre a arte/ ciência médica* (*Peri technês*), reconhece-se expressamente o estatuto de *technê* que caracteriza o saber dos médicos. Mas o termo grego *technê*, como todos reconhecem, é muito difícil de traduzir nas nossas línguas modernas. Quer dizer “arte”, “técnica” e também “ciência”. Destacaria, de entre os seus significados, o que lhe corresponde no plano epistémico²². Os Hipocráticos estavam obviamente empenhados em se promover a si mesmos, promovendo o estatuto da sua arte na hierarquia dos saberes. Nessa medida, “a resposta hipocrática à questão “A medicina é realmente uma *technê* e se o é, porquê?” corresponde a uma inovadora tematização da sua índole epistémica²³. Daí decorre o seu carácter eminentemente instrumental. Como qualquer arte, não é em si mesma boa ou má, benéfica ou prejudicial: a sua qualificação depende do uso que dela for feito. O que se espera de um médico é que ele seja um perito, que saiba ser eficaz no campo que abarca a sua competência, que é, como foi dito, a da preservação da saúde e do restabelecimento da mesma, acautelando a re-ordenação do que se

²¹ Edelstein acentuou este aspecto nos muitos escritos que dedicou aos Hipocráticos. Veja-se, em especial, “*The Relation of Ancient Philosophy to Medicine*”, in O. Temkin & C.L. Temkin eds., op. cit., pp. 349-366. O autor radicaliza a sua hermenêutica dos tratados hipocráticos, enfatizando a dependência dos médicos em relação à filosofia dita pré-socrática e assinalando o cunho prático e instrumental da *technê* médica. Distingue, nesse sentido, os praticantes vulgares desta arte, iniciados na mesma no decurso de uma aprendizagem artesanal e predominantemente empírica, e aqueles, representantes de uma eventual elite, que acumulariam com a prática do ofício algumas preocupações teóricas.

²² Cf. no estudo recente de David Roochnik, *Of Art and Wisdom, Plato's Understanding of Techne*, Pennsylvania, The Pennsylvania State Univ. Press, 1996, o capítulo em que trata do referido conceito de *technê*, em relação com os escritos hipocráticos (op. cit., pp. 42-57).

²³ Idem, pp. 42 e ss. Com efeito, “durante os finais do séc. V e começo do séc. IV a.C., um amplo debate teve lugar sobre a natureza, limites e carácter epistémico da *technê*. Nesta era do Iluminismo grego, quando a noção de um “profissional” genuíno estava em curso de desenvolvimento, a própria palavra “*technê*” tinha-se tornado uma denominação apreciada que podia conferir credibilidade a um saber e ao respectivo praticante” (ibid., p. 43).

apresenta como anômalo. Como foi repetidamente assinalado por muitos estudiosos, os médicos não são directamente, e vocacionalmente, educadores. Consequentemente, foi preciso implementar uma deontologia médica, no sentido de sensibilizar os praticantes desta arte para as exigências do uso ético das suas competências e potencialidades. A especificidade da medicina desenrola-se no contexto do exercício de um “ofício”, sujeito a condicionalismos muito particulares. Não se reduz a uma consciencialização de si mesma *com* a filosofia e *contra* a filosofia. O que desencadeia a dinâmica da sua autodeterminação são os paradoxos inerentes à sua vocação constitutiva: a de servir/ cuidar/ tratar da saúde, mantendo a complexa ambiguidade da sua relação com a natureza. Como se concilia a terapêutica das *physeis* com o servir/ respeitar a *physis*?

3. A medicina e a filosofia são disciplinas irmãs²⁴. Tanto a filosofia como a medicina, ao serem estudadas pelo homem, habilitam-no a fazer o mesmo: ou seja, a levar a cabo o estilo correcto de vida, mostrar--lhe “o estreito caminho” que conduz à *aretê*; dito por outras palavras, ao caminho que leva à felicidade²⁵.

O uso filosófico/ pedagógico do símile da saúde e da doença manifesta ao longo dos anos toda a sua enorme potencialidade: do paralelismo entre corpo e alma, saúde do corpo e justiça da alma, afecções do corpo e paixões da alma, podem ser tirados ricos ensinamentos. Ressalta o apelo a uma “conversão” apropriada: à “mudança” na disposição do doente corresponde a “mudança” na disposição da alma, e a terapia da alma²⁶ envolve o cuidado da mesma e simulta-

²⁴ Cf. Tertuliano, *De anima*, 2, citado por L. Edelstein no ensaio antes mencionado, “The distinctive Hellenism of Greek Medicine”, op. cit., p. 391. A medicina é vista como uma segunda filosofia. Um homem verdadeiramente educado sabe fazer os juízos convenientes sobre o que é melhor para si, no plano da saúde do corpo e no plano da vida. Daí, a curiosa ideia de que o homem sábio dispensa o médico.

²⁵ A concepção da filosofia como “modo de vida”, insistindo sobre a sua vertente prática para lá da dimensão teórica, é a constante que percorre os estudos de Pierre Hadot, reunidos em *Qu’ est-ce que la philosophie antique?*, Paris, Gallimard, 1995.

²⁶ Veja-se nesse sentido, André-Jean Voelke, *La philosophie comme thérapie de l’âme*, Fribourg, Éditions Universitaires, 1993. Toda a reflexão gira em torno da noção de “saúde”, centrando-se o autor sobretudo no estudo dos autores do período helenístico.

neamente a sua salvação, mediante a esclarecida compreensão dos seus fins próprios.

A saúde surge na ordenação de bens como o topo da escala²⁷, constituindo uma espécie de “ideia reguladora”, um modelo ideal. Werner Jaeger salienta que a ordem imanente implícita no conceito de saúde se torna a trave mestra da concepção grega de *paideia*. Dada a íntima relação entre o que releva do plano físico e o que é próprio do plano espiritual, a harmonia constitutiva da essência da saúde regula também toda a perfeição da natureza em geral, sendo alargado “o conceito de *são*” de modo a formar “um conceito normativo universal, aplicável ao mundo e a quanto nele vive”²⁸.

²⁷ J. Jouanna cita em *Hippocrate* (op. cit. pp. 453-454) a seguinte hierarquia dos bens: “A saúde é o maior bem para o homem mortal; o segundo é ser belo; o terceiro é ser rico, sem ter recorrido ao engano; o quarto é estar, na força da idade, na companhia de amigos”.

²⁸ W. Jaeger, *Paideia*, Lisboa, Aster, s.d., p. 994.